

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACIC  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**LUANA COIMBRA DE MOURA**

**MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO DA FEIRINHA  
SOLIDÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**UBERLÂNDIA**

**2024**

**LUANA COIMBRA DE MOURA**

**MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO DA FEIRINHA  
SOLIDÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

**Orientador: Prof. Dr. Eduardo Giarola**

**UBERLÂNDIA**

**2024**

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é a identificação de aspectos e características considerados como elementos que levam à formação do capital social na Feirinha Solidária do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários da Universidade Federal de Uberlândia – CIEPS/UFU. A pesquisa se concentra na Feirinha, que acontece no Campus Santa Mônica da UFU, e explora conceitos como formação do capital social, economia solidária e surgimento das Organizações Produtivas Solidárias – OPS. Investigou-se, também, o papel da incubadora no desenvolvimento do capital social entre os participantes da feirinha. Para isso, foi realizada uma entrevista com a coordenadora do centro de incubação. As perguntas da entrevista são baseadas no Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS), do Banco Mundial (2003). Os resultados foram positivos, demonstrando que o capital social fortalece às redes de relacionamentos, normas, confiança e recursos disponíveis entre os participantes da feirinha. Ele desempenha um papel crucial no desenvolvimento e funcionamento do projeto, influenciando a cooperação, a solidariedade, a ação coletiva, a inclusão social, a comunicação e até mesmo a participação política dos envolvidos.

Palavras-chave: Capital Social, Economia Solidária e Organizações Produtivas Solidárias.

## 1. Introdução

A perspectiva adotada nesse estudo acompanha a visão de Fernandes (2020) ao afirmar que “a economia solidária é uma forma subjetiva e compartilhada por grupos bastante específicos na sociedade que buscam imaginar outro mundo”. Compartilhando com a perspectiva de Reis (2007), onde o comportamento dos indivíduos é ativo, diretamente vinculados a culturas, sistemas de valores, hábitos, rotinas, regras, instituições. As dinâmicas dos espaços econômicos não são apenas o resultado de uma única lógica de cálculo e de racionalidade nem de uma forma excludente de governação, ou seja, a do mercado.

Neste contexto, o Centro de Incubação de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal de Uberlândia – CIEPS/UFU desempenha um papel crucial ao incubar Organizações Produtivas Solidárias (OPS) compostas por trabalhadores atuantes nos setores de coleta seletiva, arte-cultura popular e agricultura camponesa. No que tange especificamente ao último segmento mencionado, promove-se ativamente a transição agroecológica como estratégia para alcançar autonomia em relação à indústria de insumos e intermediários. Simultaneamente, busca-se promover a integração entre os trabalhadores do campo e da cidade por meio da produção e oferta de alimentos que se pautam pela saúde, segurança e sintonia com a cultura alimentar regional.

O Centro de Incubação abriga um Núcleo de Estudos em Agroecologia, cujo propósito é fundir a formação política com a técnica, visando a emancipação dos trabalhadores envolvidos. Essa abordagem visa fortalecer a capacidade dos empreendimentos solidários não apenas do ponto de vista prático, mas também no contexto político, contribuindo para a construção de uma base sólida que promova a autonomia e o desenvolvimento sustentável das iniciativas incubadas.

Observa-se que essas organizações, incubadas no CIEPS, desempenham um papel fundamental na promoção de relações sociais baseadas em confiança, caracterizadas por condutas de reciprocidade e cooperação. Desta forma, a abordagem teórica do “capital social” foi utilizada para a contextualização dessas práticas organizacionais coletivas.

Segundo Putnam (2000), capital social diz respeito à característica da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. Abrange as redes de relacionamentos e recursos presentes em uma comunidade ou grupo social, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento e funcionamento das sociedades.

Suas diversas dimensões abordam aspectos essenciais, incluindo grupos e redes sociais que impactam o senso de pertencimento e interações sociais. A confiança interpessoal e a solidariedade são elementos que moldam a colaboração, assistência mútua e participação em atividades coletivas. A ação coletiva e cooperação se manifestam em projetos comunitários, voluntariado e engajamento cívico, enquanto a disponibilidade de informações e a qualidade da comunicação influenciam a troca de conhecimentos e a construção de redes sociais. A coesão social e a inclusão de todos os membros da comunidade são cruciais para o bem-estar individual e coletivo, e o capital social também desempenha um papel no empoderamento individual, facilitando o envolvimento na esfera política e a promoção de mudanças sociais.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo a identificação de aspectos e características considerados como elementos que levam à formação do capital social na Feirinha Solidária do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários da Universidade Federal de Uberlândia – CIEPS/UFU. Investigou-se, também, o papel da incubadora no desenvolvimento do capital social entre os participantes da feirinha. Para isso, foi realizada uma entrevista com a coordenadora do centro de incubação. As perguntas da entrevista são baseadas no Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS), do Banco Mundial (2003).

Este estudo encontra-se organizado da seguinte forma: no item 2 foi apresentado a base teórica do capital social e suas dimensões, da economia solidária e das organizações produtiva solidárias. No item 3, foi descrito os aspectos metodológicos. Por fim, itens 4 e 5, foram apresentados os resultados e as considerações finais da pesquisa.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1 Conceituando o capital social**

Nos últimos anos, pesquisadores, principalmente economistas e sociólogos, têm dedicado suas análises ao estudo do capital social e sua relação com a pobreza, fortalecendo assim o debate sobre esse tema (Ribeiro e Araujo, 2018). Em diversos contextos, o capital social é explorado por diferentes estudiosos, resultando em múltiplas definições provenientes de distintas perspectivas teóricas (Santos e Rocha, 2011).

Para Portes (1998) e Santos e Carniello (2014), o capital social é caracterizado pelas relações estabelecidas pelos indivíduos na vida social e em grupos. Essas relações, sejam formais ou informais, são influenciadas pelo ambiente, aproximando pessoas e grupos por meio de vínculos que possibilitam trocas de diferentes naturezas (Santos e Carniello, 2014).

É possível identificar pelo menos três principais origens do conceito de capital social, conforme Albagli e Maciel (2002). A primeira origem remonta aos autores das ciências sociais

que expressamente cunharam e difundiram o termo: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam. A segunda explora elementos essenciais, como confiança, coesão social, redes, normas e instituições, em diversos contextos e disciplinas, nos quais o conceito tem sido empregado de forma implícita ou explícita. A terceira, mais abrangente, engloba autores cujas contribuições já contêm elementos precursores do conceito de capital social, remontando à sociologia clássica do século XIX, e incluindo pensadores como Émile Durkheim e Max Weber.

Coleman, ao dar visibilidade ao conceito de capital social, inaugurou sua discussão, sendo seguido por Putnam, que o desenvolveu (Forgiarini et al, 2018). Em suas investigações, Putnam, um dos pioneiros nos estudos sobre capital social, definiu-o como algo refletido no grau de confiança, cooperação e no cumprimento de normas relacionadas ao comportamento cívico, como o pagamento de tributos e cuidados em espaços públicos (Rattner, 2019).

Segundo Coleman (1988), o capital social não se limita à unicidade, mas reside na estrutura intrínseca das relações. Ele existe nas interações sociais, diferenciando-se de outras formas de capital. Nessa perspectiva, o capital social é uma norma informal instanciada que promove a cooperação entre dois ou mais indivíduos (Fukuyama, 1999).

Coleman (1990) explora o capital social no nível pessoal, destacando a habilidade individual em construir relacionamentos sólidos e uma rede social fundamentada em expectativas mútuas e ações confiáveis. Esses elementos, quando combinados, aprimoram significativamente a eficácia do indivíduo.

Rattner (2019) observa que, nas primeiras menções do conceito de capital social na década de noventa, não havia uma definição precisa, e a maioria dos autores explorava definições relacionadas às funções, valorizando os aspectos da estrutura social ou o uso desse recurso pelos indivíduos. Essa diversidade de perspectivas e definições destaca a complexidade e a relevância do capital social como um fenômeno multifacetado que permeia diferentes dimensões da sociedade. De acordo com Higgins (2003), o conceito de capital social é apontado por diferentes autores como:

**Quadro 1:** Conceitos de capital social

<b>Autores</b>	<b>Conceito</b>
Pierre Bourdieu	Compreende como o conjunto de recursos atuais ou potenciais que possuem vínculo com uma rede longínqua de relações de familiaridade ou reconhecimento mais ou menos institucionalizadas.
James Coleman	Considera o capital social como algo intangível que somente existe no espaço relacional por meio e entre pessoas, é correlacionado com as mudanças nas crenças e opiniões das pessoas.
Robert Putnam	Diz que o capital social, possui a perspectiva que lhe é empregada e o valor que lhe é dado.
Alejandro Portes	Diz que o capital social é aplicado em diferentes níveis de abstração e que para que o seu conceito seja usado, deve se levar em consideração diferentes tipos de análise.

Fonte: elaboração própria a partir de Higgins (2003).

Genari, Macke e Faccin (2012), dentro do contexto interno, consideram o capital social uma ferramenta capaz de impulsionar o desempenho empresarial por meio de interações sociais e relações nos níveis individual, grupal e organizacional.

Parts (2013), ao analisar as dinâmicas do capital social nos países da União Europeia, identifica quatro fatores cruciais: confiança pública, confiança institucional, interação social e normas sociais. Sua pesquisa conclui que o nível de educação e a satisfação com as instituições democráticas estão positivamente relacionados ao capital social, destacando a importância de investir na melhoria do sistema educativo e dos processos democráticos. Nessa interconexão de perspectivas, fica evidente que a construção de capital social é um fenômeno multifacetado que abrange tanto o indivíduo quanto as esferas organizacionais e sociais.

Além dessas perspectivas, o capital social pode ser examinado considerando duas unidades de análise distintas em relação ao contexto das relações. A primeira unidade refere-se a redes e relacionamentos dentro de um determinado grupo (relacionamentos intragrupo). E neste caso, o capital social é estudado no contexto de comunidades, associações ou grupos em geral. Por outro lado, se a análise centrar-se em empresas, nações, Arranjos Produtivos Locais (APL's) e outras formas organizacionais, é possível enfatizar o capital social em redes de relações entre diferentes grupos – intergrupos (Macke et al., 2012).

As relações intergrupos, estudadas por Lewin em 1947, nos seus primeiros estudos sobre relações humanas, foi constatado que a produtividade e a eficiência de um grupo não estão apenas intimamente relacionadas com as capacidades individuais dos seus membros, mas principalmente com a ajuda mútua e o apoio nas relações humanas (Dias, Reyes Junior, COSTA e Barros, 2021).

Nas relações pessoais, quando a interdependência promove a cooperação, o trabalho em equipe aumenta, porque as pessoas estão mais dispostas a trabalhar juntas para alcançar seus objetivos. (Deortentiis et al., 2013).

Entrelaçando redes de capital social e serviço social, Santos; Maciel e Sato (2014), enfatizam o surgimento de redes sociais de produção que organizam os processos de trabalho por meio de redes sociais familiares, de amizade ou de vizinhança, o que viabiliza a produção de bens e serviços nos pequenos negócios e unidades de produção.

## **2.2 Dimensões do capital social**

De acordo com Grootaert, Narayan, Jones, Woolcock, (2003), as características do capital social de um determinado grupo podem ser analisadas a partir de categorias/dimensões e seus principais elementos. De acordo com esses autores, suas diversas dimensões abordam

aspectos essenciais, incluindo grupos e redes sociais que impactam o senso de pertencimento e interações sociais. A confiança interpessoal e a solidariedade são elementos que moldam a colaboração, assistência mútua e participação em atividades coletivas.

A ação coletiva e cooperação se manifestam em projetos comunitários, voluntariado e engajamento cívico, enquanto a disponibilidade de informações e a qualidade da comunicação influenciam a troca de conhecimentos e a construção de redes sociais. A coesão social e a inclusão de todos os membros da comunidade são cruciais para o bem-estar individual e coletivo, e o capital social também desempenha um papel no empoderamento individual, facilitando o envolvimento na esfera política e a promoção de mudanças sociais.

**Quadro 2:** Categorias e elementos do capital social

<b>Categorias</b>	<b>Elementos Pesquisados</b>
Grupos e redes	Participação em grupos e associações
	Tomada de decisões
	Organização de grupos
	Escolha de líder
Confiança e solidariedade	Confiança nas pessoas da comunidade
	Confiança nas pessoas que fazem parte governo e lideranças locais
	Confiança em outros agricultores familiares do município
	Grau de confiança entre agricultores familiares no município
Ação coletiva e cooperação	Participação em atividades comunitárias
	Trabalho em conjunto com outras pessoas em projetos da comunidade
	Cooperação entre agricultores familiares da comunidade
	Participação direta ou não de agricultores familiares em atividades políticas e sociais
Informação e comunicação	Meio de comunicação mais usado na comunidade
	Acesso à informação na comunidade
	Meios de comunicação para ter acesso a informações de ações do governo
	Meio de comunicação utilizados na comunidade para ter acesso a informações do mercado, preços de produtos e safras
Coesão e inclusão social	Aptidão ou vontade para se reunir das pessoas da comunidade
	Aptidão ou vontade para se reunir dos agricultores familiares da comunidade
	Sentimento em relação ao crime e violência na comunidade
Empoderamento e ação política	Poder para tomar decisões que podem mudar sua vida
	Exercício do voto nas últimas eleições estadual/presidencial e o porquê
	O governo local e lideranças locais ao tomar decisões levam em consideração suas preocupações e de outras pessoas?
	Grau de honestidade das pessoas que fazem parte do governo municipal, política local e lideranças locais

Fonte: Adaptado de Grootaert, Narayan, Jones, Woolcock, (2003).

Desta forma, a categoria mais comumente associada ao capital social é de grupos e redes. As questões nesta seção consideram a natureza e a extensão da participação de um membro de um domicílio em vários tipos de organização social e redes informais, assim como as várias contribuições dadas e recebidas nestas relações. Também considera a diversidade das associações de um determinado grupo, como suas lideranças são selecionadas, e como mudou

o envolvimento da pessoa com o grupo ao longo do tempo (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003).

Para o estudo das dimensões do capital social é relevante abordar questões tradicionais referentes a confiança, e um número significativo está presente em pesquisas nacionais, o objetivo desta categoria é coletar dados sobre confiança relacional, vizinhos, prestadores de serviços essenciais e estranhos e como essas percepções mudou ao longo do tempo (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003).

Porém para esses autores, a confiança é um conceito abstrato que é difícil de medir num inquérito aos agregados familiares, em parte porque pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. A abordagem QI-MCS centra-se na confiança em geral (como as pessoas são geralmente confiáveis) e na confiança em certos tipos de pessoas.

A categoria ação coletiva e cooperação examina se e como os membros do agregado familiar cooperam com outras pessoas da sua comunidade, projetos conjuntos e/ou em resposta a uma emergência. Também considera as consequências se as expectativas não forem atendidas em relação a participação (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003).

Para a categoria informação e comunicação, o acesso à informação é essencial em um mundo globalizado, além disso pode ajudar comunidades pobres a terem um função mais ativa em questões caras para seu bem-estar.

Sendo assim esta categoria de perguntas examina recursos através do qual as famílias pobres recebem informações sobre a situação do mercado e serviços públicos e seu acesso às infraestruturas de comunicação (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003).

A dimensão inclusão leva em conta visões gerais a sentimentos da comunidade e da coesão social comunitária às experiências de exclusão. E se houver conflito numa comunidade ou numa área maior é muitas vezes uma indicação de falta de confiança ou de capital social estrutural adequado para fazer face conflitos ou ambos (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003).

Então as perguntas nesta categoria procuram identificar a natureza e a extensão das diferenças entre as pessoas e os mecanismos pelos quais se são geridos e que grupos são excluídos dos serviços públicos necessários (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003)

Os indivíduos têm “poder” ou “autoridade” na medida em que têm algum controle sobre as instituições e processos que os afetam diretamente bem-estar (Banco Mundial 2002). A capacitação é tudo que leva o individuo expandir seus recursos e conhecimentos e pode fazer com que haja remoção de barreiras sociais e criação de oportunidades.

O objetivo das perguntas desta seção é descobrir felicidade, eficácia pessoal e capacidade das famílias influenciar tanto os acontecimentos locais como as reações políticas mais amplas (Grootaert; Narayan; Jone; Woolcock, 2003).

### **2.3 Economia Solidária (ES) e a Organização Produtiva Solidária (OPS)**

Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES, 2017), a economia solidária carrega um grande potencial transformador da realidade social, articulando cada vez mais trabalhadores no Brasil. Para Lima (2016),

Ao se tratar de sistemas econômicos, vem a palavra ECONOMIA, e logo nos lembramos de dinheiro, comércio e consumo. Mas vale a pena resgatar a origem dessa palavra: é um termo de origem grega, formado pelas palavras oikos (casa) e nomos (costume ou lei). A partir disso, surge seu verdadeiro significado, que é o de regras para o cuidado com a casa, com o ambiente onde vivemos. Cuidar significa atender as necessidades da casa e das pessoas que habitam esse ambiente. Entendendo melhor: economia nada mais é do que o conjunto de atividades ou formas sociais de solução da relação entre as necessidades das pessoas e os recursos disponíveis para atendê-las (Lima, 2016).

Nesse sentido, Singer (2002) destaca que a economia solidária necessitava criar condições para que acontecesse outra economia em que o ser humano fosse a prioridade nas relações sociais de produção.

Lima (2016), retrata que o atendimento das necessidades deve ser pensado de forma coletiva, por isso é preciso refletir sobre outro tipo de desenvolvimento, é preciso pensar em boas práticas. A prática de outro tipo de desenvolvimento, comprometido com o ser humano com o planeta, é vivenciada por muitos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade.

Aproximando-se da economia solidária, verifica-se que ela está presente em diversas iniciativas econômicas solidárias fundamentadas na cooperação, autogestão, solidariedade e ação econômica, como agricultura familiar e camponesa, hortas urbanas, cooperativas de trabalho autogestionário, empreendimentos econômicos solidários, centrais de comercialização, associações, entidades de assessoria, redes de gestores, bancos comunitários, grupos de trocas solidárias, grupos de consumo e fundos rotativos solidários. Reconhecemos que, para que uma economia seja sustentável, é necessário que ela esteja integrada às condições locais, ao meio ambiente e às diversas culturas presentes nas comunidades, povos tradicionais e etnias (Lima, 2016).

Fernandes (2020) retrata que economia solidária é uma forma subjetiva e compartilhada por grupos bastante específicos na sociedade que buscam imaginar outro mundo, mas as

práticas solidárias devem ser disciplinadamente objetivas, eficazes e dialéticas para contribuírem, no mundo real, com os caminhos transformadores.

Desta forma, o fortalecimento da sociedade civil é um fenômeno crucial para entender a origem e a validação da economia solidária. Em um contexto marcado por transformações significativas nos âmbitos político, econômico e social e as Organizações Produtivas Solidárias (OPS) ganham destaque.

Segundo Fernandes (2020), a formação de Organizações Produtivas Solidárias (OPS), presentes em todas as partes do território nacional, deu origem a um movimento no qual indivíduos desempregados e excluídos do processo produtivo, organizados em coletivos de movimentos sociais, se envolveram na busca por uma alternativa de subsistência. No entanto, a elaboração teórica não enfatizou completamente a complexidade dessa tarefa.

A constituição e desenvolvimento das Organizações Produtivas Solidárias (OPS) de modo que os trabalhadores cooperados compreendam sua condição de explorados ou excluídos pela economia de mercado e, a partir das conquistas proporcionadas pela cooperação, seja possível desenvolver outras atividades nas redes produtivas, como a comercialização direta, sem a necessidade de atravessadores. Os benefícios refletem na qualidade de vida e na melhoria das relações, podendo ou não resultar em ganhos financeiros. Os benefícios não monetários acabam sendo mais significativos do que o aspecto financeiro (Fernandes, 2020).

### **3 Aspectos metodológicos**

A presente pesquisa visa a identificação de aspectos e características considerados como elementos que levam à formação do capital social na Feirinha Solidária do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários da Universidade Federal de Uberlândia – CIEPS/UFU. Investigou-se, também, o papel da incubadora no desenvolvimento do capital social entre os participantes da feirinha.

Assim, a estratégia metodológica adotada para investigar o objeto de estudo baseia-se na abordagem qualitativa. Essa escolha decorre do fato de que a metodologia emprega predominantemente elementos que não podem ser mensurados ou não são passíveis de medição, o que a diferencia das análises quantitativas. Esta última abordagem exige dados estatísticos para condução da pesquisa, enquanto a abordagem qualitativa se concentra em aspectos mais subjetivos e contextuais, proporcionando uma compreensão aprofundada e interpretativa do fenômeno em questão.

O presente artigo utilizou-se do estudo de caso da Feirinha Solidária do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários da Universidade Federal de Uberlândia –

CIEPS/UFU. Segundo Collis e Hussey (2005), o procedimento do estudo de caso centraliza-se em um caso em especial, com o foco na compreensão eficaz em um ambiente específico.

Também foi utilizada a pesquisa bibliográfica para buscar esclarecer o problema da pesquisa por meio de teorias mencionadas em artigos, dissertações, livros, revistas, teses, entre outros, reconhecendo as colaborações dos autores sobre deliberado assunto (CERVO et al, 2006).

Os dados foram coletados por meio de entrevista, com a coordenadora Cristiane Betanho do Centro de Incubação. As perguntas da entrevista são baseadas no Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS), do Banco Mundial (2003). A visão e a experiência da referida coordenadora foram essenciais no entendimento da formação e da identificação de aspectos e características considerados como elementos que levam à formação do capital social na feirinha e, também, do papel da incubadora no desenvolvimento do capital social entre os participantes do projeto.

Segundo Cervo et al (2006), a entrevista consiste em um diálogo direcionado cujo propósito reside na coleta de informações para a pesquisa, proporcionando simultaneamente a capacidade de armazenamento e análise das respostas. Este método visa entender não apenas as respostas dadas, mas também examinar o comportamento e as atitudes do entrevistado ao longo das perguntas. Essa abordagem destaca-se como um diferencial em comparação com o questionário, uma vez que vai além da simples obtenção de respostas, permitindo uma compreensão mais profunda e contextualizada do objeto de estudo.

O modelo de entrevista utilizado é a entrevista semiestruturada, que segundo Boni e Quarema (2005) são compostas por perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistador segue um conjunto de perguntas antecipadamente definidas, limitando ao número de informações, contribuindo com o direcionamento maior do tema proposto. A entrevista ocorreu no dia 28 de setembro de 2023, com duração aproximada de três horas.

### **3.1 Caracterização do CIEPS e da Feirinha Solidária**

Em 2008 o Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (CIEPS) foi institucionalizada na estrutura da UFU. Aprovado pelo Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da UFU em 2008, o CIEPS foi associado como um organismo da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC/UFU). Sua fundamentação institucional reside na realização da extensão universitária de forma inseparável da pesquisa e do ensino, sob a perspectiva da Economia Popular Solidária. Além disso, há previsão de alocação de recursos para infraestrutura e investimento nas atividades de assessoramento a coletivos populares.

Segundo Fernandes (2020), desde sua criação até os dias atuais, o Cieps atua assessorando coletivos populares que desejam organizar iniciativas produtivas a partir dos princípios da Economia Popular Solidária (EPS). Historicamente, o Cieps incubou Organização Produtiva Solidária (OPS) dos segmentos coleta seletiva, arte-cultura popular e agricultura familiar camponesa na região de influência da UFU, a partir de unidades da incubadora nos demais campi da universidade - Patos de Minas, Ituiutaba e Monte Carmelo. A unidade do Cieps em Ituiutaba foi a primeira fora da sede, inaugurada em 2008, ano subsequente à inauguração do Campus do Pontal da UFU. Patos de Minas seguiu em 2013, e Monte Carmelo estruturou sua unidade do Cieps em 2017. Relacionando as OPS ao capital social, o autor ressalta,

Todas as Organização Produtiva Solidária demandam assessoria nas dimensões relacionamento humano e princípios solidários, de forma a aprofundar o espírito de grupo. Por outro lado, apreender conceitos relacionados à gestão – pessoas, processos, finanças, mercadologia – torna-se essencial para que os grupos possam se autogerir e se distanciar do modelo capitalista de empreender. No entanto, acima de tudo isso, os trabalhadores e trabalhadoras precisam perceber, interagir e criar poder de decisão sobre o mundo em que vivem e as contradições inerentes ao processo de se organizar, produzir e realizar trocas socialmente referenciadas em um mundo de trocas capitalistas. Todas essas etapas são acompanhadas por atividades de formação política, e todos os integrantes dos coletivos devem participar das discussões (Fernandes, 2020).

Promovida pelo CIEPS, o projeto de valorização do agricultor familiar, conhecida como Feirinha Solidária acontece todos os sábados no Campos Santa Mônica da UFU, desde 2015, no campus de Monte Carmelo da UFU, desde 2017, e no campus Umuarama da UFU, desde 2018. A proposta de realização de uma Feirinha já era tema de discussão no CIEPS em suas reuniões de planejamento, e em 2015 o projeto foi incubado pelo Centro. O projeto foi aprovado pela PROEXC/UFU (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura).

Como destacado por Fernandes (2020), rodas de Conversas foram realizadas tanto dentro da Universidade quanto nos locais de trabalho dos incubados, contando com a participação de alunos e membros da sociedade. Destaca-se a atividade significativa denominada "Você no Campo", na qual o Cieps convida os consumidores da Feirinha Solidária da UFU a visitarem um dos locais de produção dos alimentos comercializados. Durante essa experiência, os consumidores não apenas desfrutam de um dia de vivência, mas participam de uma atividade formativa.

Além disso, levando em consideração que temos um projeto em andamento há quatro anos, a Feirinha Solidária da UFU, existia um espaço de atração dos moradores das redondezas do campus, além de professores, técnicos e alunos para comprar os produtos ali oferecidos.

Nesse sentido, podemos dizer que houve um amadurecimento no comportamento tanto dos produtores solidários quanto dos consumidores, o que fecha um ciclo de relacionamento de confiança criado entre essas pessoas (Fernandes, 2020).

Na pesquisa de Fernandes (2020), tem-se uma importante relação da Feirinha com o capital social quando os agricultores que participam da Feirinha Solidária da UFU já internalizaram que Solidariedade se realiza na Prática e construíram um relacionamento de confiança com os consumidores. Os produtos que comercializam são orgânicos não porque são certificados, mas porque existe um compromisso em torno dessa questão entre produtores e consumidores.

#### **4. Análise de resultado**

Ao explorar a primeira dimensão do capital social, grupos e redes, a entrevistada, Profa. Cristiane Betanho, compartilha *insights* valiosos sobre a influência dos grupos sociais no senso de pertencimento dos participantes da Feirinha Solidária. Suas reflexões destacam a interconexão vital entre esses grupos e o papel crucial que desempenham na promoção de valores compartilhados.

Cristiane, ao ser questionada sobre a influência de amigos, familiares, colegas de trabalho e vizinhos, enfatiza que esses grupos não apenas influenciam, mas estabelecem uma “conexão umbilical”. A base desse vínculo reside em sentimentos profundos de pertencimento, alimentados pela visão singular que os participantes têm de si mesmos no mundo. Sob a ótica da agroecologia, eles não apenas se veem como parte do meio ambiente, mas percebem o meio ambiente como um sujeito de direitos.

A interação constante com indivíduos que compartilham dessa visão fortalece a coesão do grupo. Cristiane destaca a importância de estar cercado por pessoas que não apenas compartilham ideias semelhantes, mas também promovem ativamente essa perspectiva. O trabalho com o objetivo do bem comum emerge como um catalisador fundamental para manter a união desses grupos, sendo o sentimento de pertencimento ao mesmo meio ambiente um elo essencial.

A união desses grupos na Feirinha Solidária é sustentada pelo compromisso comum de trabalhar para um bem maior. A coesão resultante não é apenas impulsionada por laços sociais, mas também pela convergência de valores e pela partilha de uma visão que transcende a individualidade. À luz das palavras de Cristiane, fica claro que a preservação desse capital social é vital para o contínuo sucesso e propósito desses grupos na promoção da agroecologia e no estabelecimento de uma comunidade interligada (Betanho, 2023).

Ao abordar o impacto das redes de relacionamento dos incubados no sucesso das Operações Solidárias (OPS) incubadas no CIEPS, Cristiane Betanho destaca a relevância significativa dessas conexões. Sua narrativa enfatiza a criação de uma rede específica, exemplificada pela "Feirinha Solidária da UFU", e seu papel crucial na aproximação entre consumidores e produtores.

Cristiane ressalta que o impacto é notavelmente alto, especialmente devido à criação de um grupo de *WhatsApp* dedicado à Feirinha Solidária da UFU. Esta plataforma digital demonstrou ser um meio eficaz para fortalecer os laços entre consumidores e produtores. Um exemplo marcante ocorreu em junho de 2021, quando uma geada e um inverno atípico causaram danos significativos às verduras dos produtores. A transparência foi crucial: os produtores compartilharam fotos dos produtos escassos e explicaram a situação aos consumidores.

Nesse contexto, a confiança emerge como um indicador vital de capital social, sendo percebida como insumo e produto. A relação de confiança entre consumidores e produtores é exemplificada pelas ações dos consumidores que, mesmo após pagar por pedidos não entregues devido à escassez causada pela geada, continuaram a apoiar os produtores. Essa confiança, segundo Grootaert, Narayan, Jones e Woolcock (2003), pode ser vista como um indicador de insumo ou produto (capital social) ou mesmo como uma medida direta de capital social, dependendo da abordagem conceitual utilizada.

Cristiane destaca a profundidade dessas relações ao mencionar que, mesmo diante das adversidades, os consumidores não apenas continuaram a apoiar financeiramente os agricultores, mas também realizaram doações subsequentes. Essas redes de relacionamento, permeadas pela solidariedade e centradas na lógica do trabalho conjunto entre trabalhadores do campo e da cidade, mostram-se altamente impactantes para a sustentabilidade das OPS incubadas.

A narrativa de Cristiane Betanho revela a grande importância das redes de relacionamento para o sucesso e a resiliência das OPS incubadas no CIEPS. A confiança, a transparência e a solidariedade emergem como elementos-chave que fortalecem essas conexões, contribuindo para a sustentabilidade econômica e social dessas operações. Ao compreender a interconexão entre capital social e redes de relacionamento, é possível vislumbrar estratégias para aprimorar ainda mais o modelo de negócios, minimizando custos de transação e promovendo a prosperidade de todos os envolvidos.

Explorando a dimensão de confiança e solidariedade nas Operações Solidárias (OPS) incubadas no CIEPS, Cristiane Betanho oferece informações importantes sobre a interconexão

entre confiança interpessoal, transparência e o sucesso dessas iniciativas. Posteriormente, ela discute a ausência de hierarquia nas associações e cooperativas, destacando a importância da confiança para a eficácia no funcionamento dos projetos.

Cristiane expressa fortemente a importância da confiança interpessoal entre os membros das OPS incubadas. Ela destaca que a liderança é baseada na representação do grupo e não no controle, ressaltando que a tomada de decisões é conduzida pelo convencimento. A transparência na prestação de contas e na tomada de decisões é considerada essencial, sendo a organização produtiva solidária dependente do princípio da transparência para evitar implosões.

Na visão de Cristiane, a ausência de uma hierarquia clara em associações e cooperativas implica que os trabalhadores exercem várias funções simultaneamente. A confiança entre os membros é, portanto, crucial para a eficácia, com todas as atividades sendo conduzidas de forma transparente e clara.

Na dimensão de ação coletiva e cooperação, Cristiane destaca o profundo envolvimento das OPS incubadas em projetos comunitários e ações coletivas. Ela cita várias organizações e movimentos em que os grupos participam, evidenciando o comprometimento político das OPS incubadas. A união em torno de pautas essenciais, como saúde, educação, cultura e soberania alimentar, demonstra o compromisso desses agricultores com ações coletivas.

A abordagem de Cristiane reflete a orientação política das ações coletivas, destacando que muitos membros do grupo lutam por causas coletivas que são importantes para eles. Cristiane relaciona a ação coletiva ao contexto teórico de Grootaert, Narayan, Jones e Woolcock (2003), enfatizando que a ação coletiva pode ter diferentes formas em diferentes países, desde a construção de infraestruturas até atividades politicamente orientadas. No contexto do estudo, a ação coletiva é guiada principalmente por motivações políticas, com membros do grupo lutando por questões coletivas significativas.

A análise de Cristiane revela a importância da confiança, transparência e ação coletiva nas OPS incubadas no CIEPS. Esses elementos emergem como fundamentais para o sucesso dessas iniciativas, destacando a necessidade de relações baseadas na confiança interpessoal e na colaboração para impulsionar a eficácia e sustentabilidade desses projetos. A abordagem política das ações coletivas reforça o compromisso dos agricultores com causas que transcendem a produção agrícola, mostrando um forte enraizamento em questões sociais e comunitárias.

A perspectiva da entrevistada revela a importância da capacitação, transformação de conhecimento e coesão social para o sucesso das Operações Solidárias (OPS) incubadas. A

abordagem da incubadora, exemplificada pela Feirinha Solidária, destaca não apenas a transmissão de informações, mas a transformação dessas informações em prática, evidenciando a necessidade de um acompanhamento constante para impulsionar mudanças sociais efetivas.

Grootaert, Narayan, Jones e Woolcock (2003) destacam que a capacitação proporciona informações e habilidades essenciais para as atividades diárias de um grupo. A abordagem da incubadora, conforme relatado por Cristiane Betanho, vai além de oferecer cursos, enfatizando a importância do acompanhamento para transformar informações em conhecimento e conhecimento em prática.

Cristiane ilustra isso com o conceito de "vaquinha de presépio", enfatizando a necessidade de ir além da prática inconsciente de seguir o que os outros fazem. O engajamento ativo, a interpretação das informações e a aplicação prática são essenciais para produzir mudanças reais no campo concreto.

A entrevistada destaca a influência positiva da disponibilidade de informações na capacidade das OPS incubadas de trocar conhecimentos e ideias. A abordagem transdisciplinar da incubação é essencial para facilitar a interpretação e o uso efetivo das informações. O processo de incubação não se limita a fornecer cursos; ele visa capacitar os agricultores para aplicar o conhecimento adquirido, especialmente nas áreas de agroecologia.

A incubadora proporciona não apenas informação, mas também o suporte necessário para a implementação prática desses conhecimentos. A disponibilidade de informações é fundamental, mas a verdadeira mudança social ocorre quando essas informações são internalizadas e transformadas em prática.

Cristiane ressalta a centralidade da coesão social para o sucesso das OPS incubadas. Sem a convergência de objetivos entre os grupos, não há Economia Popular Solidária. O enfoque constante na orientação para um objetivo central é vital para criar uma identidade mais ampla na sociedade, não apenas como produtores, mas como agentes de mudança.

A coesão social, tanto interna quanto externa, é considerada essencial para o sucesso dos grupos. Cristiane destaca que o grau de sucesso é proporcional ao grau de coesão, enfatizando que, mesmo com desigualdades na participação, a orientação comum para um objetivo mantém a coesão.

As palavras de Cristiane Betanho destacam a importância da comunicação entre membros do grupo para garantir que os resultados estejam alinhados com o planejamento. A coesão e inclusão social não apenas geram resultados positivos, mas também indicam a presença de capital social, fortalecendo a comunidade e seu impacto na sociedade.

O tema da inclusão social ganha destaque nas reflexões de Cristiane Betanho sobre as Operações Solidárias (OPS) incubadas. A conexão entre a universidade e as dimensões práticas, como ensino, pesquisa e extensão, revela-se fundamental para promover a inclusão de membros externos à comunidade acadêmica. A visão de Cristiane destaca a importância da extensão universitária como um agente de transformação social, alinhando-se aos princípios de Grootaert et al. (2003).

Cristiane destaca o papel ativo da incubadora na promoção da inclusão social. A abordagem multidimensional visa garantir que as pessoas sejam incluídas em vários aspectos, indo além do simples acesso à universidade. A visão central da universidade como agente de diferenciação na sociedade destaca a importância da extensão como catalisadora de mudanças sociais.

A resposta de Cristiane evidencia que a maioria dos membros das OPS não tem vínculos diretos com a universidade, nem como alunos nem como servidores. A Feirinha Solidária inclui predominantemente pessoas que não pertencem à Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Essa inclusão de membros externos à comunidade acadêmica destaca a natureza aberta e acessível das OPS incubadas, reforçando a sociabilidade como característica de uma comunidade socialmente coesa.

A perspectiva positiva da entrevistada ressalta que a inclusão de membros externos à UFU contribui para a sociabilidade. Essa característica é identificada como uma marca de comunidades coesas, alinhando-se ao entendimento de Grootaert et al. (2003). A presença diversificada na Feirinha Solidária não apenas enriquece a sociabilidade, mas também fortalece os laços sociais, contribuindo para a construção de capital social.

A visão de Cristiane Betanho destaca que a inclusão social nas OPS incubadas vai além da comunidade acadêmica, abraçando membros externos. A universidade, por meio de suas práticas de extensão, emerge como um agente que não apenas proporciona acesso a serviços essenciais, mas também promove a sociabilidade e coesão social. A inclusão torna-se assim uma peça-chave na construção do capital social nas comunidades apoiadas pela incubadora.

Cristiane destaca o desafio fundamental relacionado ao tempo na construção do capital social. Ela enfatiza que os resultados financeiros não são imediatos, exigindo a criação de capital social para enfrentar crises a longo prazo. O desafio reside na necessidade de uma coesão máxima entre os membros, uma concatenação de conhecimentos individuais para alcançar resultados coletivos de mudança. O enfrentamento das contradições, como a pressa por resultados de curto prazo em uma sociedade orientada para isso, é um desafio crítico.

A entrevistada destaca a incompatibilidade entre a construção coletiva de longo prazo e a busca por resultados imediatos, prevalente na sociedade capitalista. O desafio é conciliar a necessidade de uma construção coletiva com a pressa por resultados individuais, uma vez que a mudança social significativa ocorre no médio e longo prazo. Isso é agravado pelas desigualdades sociais e econômicas, onde aqueles que mais necessitam de mudanças são os mais pressionados pelo imediatismo.

A urgência imposta por desigualdades sociais e a pressa por resultados desafia a incubadora a dialogar eficazmente com diferentes realidades, considerando tanto a pressa geracional quanto a urgência relacionada às condições socioeconômicas precárias. O desafio é encontrar um equilíbrio entre a necessidade de construção coletiva de longo prazo e a urgência enfrentada por aqueles em situações críticas.

Cristiane propõe que as incubadoras aprofundem sua atuação. Ela destaca a importância de incluir cursos diversos, incorporando diferentes visões e conhecimentos. A fragmentação do conhecimento, embora especializada, também traz desafios complexos. A necessidade de integrar conhecimentos, não apenas dentro da academia, mas também fora dela, é crucial. A humildade no processo de aprender, ensinar e fazer é mencionada como essencial, destacando a importância de uma atitude proativa em relação ao aprendizado contínuo.

Os desafios na construção do capital social nas OPS incubadas envolvem questões temporais, contradições sociais, a pressa por resultados imediatos e a necessidade de integração de conhecimentos diversos. A incubadora é convidada a enfrentar esses desafios com uma abordagem proativa, incluindo uma variedade de cursos e promovendo a humildade no processo de aprendizado contínuo.

## **5. Considerações finais**

O objetivo deste trabalho foi a identificação de elementos contribuintes para a formação do capital social na Feirinha Solidária do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários da Universidade Federal de Uberlândia – CIEPS/UFU, assim como o papel desempenhado pela incubadora no desenvolvimento desse capital social.

Desta forma, ao analisar o cumprimento dos objetivos propostos, observou-se que a pesquisa atingiu sua meta ao identificar e explorar os aspectos e características que contribuem para a formação desse capital social, bem como ao examinar o papel da incubadora nesse contexto.

A perspectiva da coordenadora Cristiane Betanho ressalta a importância da capacitação, transformação de conhecimento e coesão social para o sucesso das OPS incubadas. A

abordagem da incubadora vai além da oferta de cursos, enfatizando a importância do acompanhamento para transformar informações em prática. A disponibilidade de informações é essencial, mas a verdadeira mudança social ocorre quando essas informações são internalizadas e transformadas em prática.

A universidade, por meio de suas práticas de extensão, emerge como um agente que não apenas proporciona acesso a serviços essenciais, mas também promove a sociabilidade e coesão social. A inclusão torna-se assim uma peça-chave na construção do capital social nas comunidades apoiadas pela incubadora.

Os desafios na construção do capital social, apontados por Cristiane, revelam a necessidade de coesão máxima entre os membros e a conciliação entre construção coletiva de longo prazo e pressa por resultados imediatos. O enfrentamento dessas contradições desafia a incubadora a dialogar eficazmente com diferentes realidades, considerando a urgência enfrentada por aqueles em situações críticas.

Os resultados obtidos proporcionam uma visão abrangente sobre a dinâmica do capital social na Feirinha Solidária, ressaltando a importância das relações interpessoais, da confiança, e do apoio mútuo no ambiente da feira. A análise dos dados revela padrões de comportamento e atitudes que demonstram a influência positiva da incubadora no fortalecimento desses laços sociais entre os participantes. Verifica-se que a Feirinha Solidária do CIEPS/UFU desempenha um papel fundamental na promoção do capital social, fomentando a coesão social e a colaboração entre os empreendedores populares solidários envolvidos.

Como sugestões para futuras pesquisas, recomenda-se uma investigação mais aprofundada sobre a sustentabilidade do capital social ao longo do tempo na Feirinha Solidária. Além disso, explorar a extensão do impacto da incubadora em diferentes contextos e ampliar o escopo para avaliar a eficácia de estratégias específicas de fortalecimento do capital social pode proporcionar *insights* valiosos para aprimorar ainda mais essas iniciativas.

## 6. Referências

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. **Capital social e empreendedorismo local**. 2002. Disponível em: [http://www.redesist.ie.ufrj.br/nts/nt33/F223\\_SaritaMLucia.PDF](http://www.redesist.ie.ufrj.br/nts/nt33/F223_SaritaMLucia.PDF). Acesso em: 24 jan. 2024.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em 24 de jan. 2024.

**BRASIL, Boas práticas em economia solidária no**. Texto de Claudia Lima – Brasília: CEA; FBES, 2016. – 40 p. ; il.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. A pesquisa: Técnicas de coleta de dados. In: **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**. Chicago, v. 94, p.95-120, 1988.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Coleta de dados originais**. In: \_\_\_. Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2º ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DEORTENTIIS, Philip S. *et al.* Cohesion and satisfaction as mediators of the team trust – team effectiveness relationship. **Career Development International**, [S.L.], v. 18, n. 5, p. 521-543, 16 set. 2013. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/cdi-03-2013-0035>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273644308\\_Cohesion\\_and\\_satisfaction\\_a](https://www.researchgate.net/publication/273644308_Cohesion_and_satisfaction_a)

Dias, F. O., Reyes, E., Junior, Costa, C. C. B., & Barros, A. E. S. (2021). Valores pessoais e relacionamento intragrupo: O caso dos grupos táticos policiais de Brasília. **Revista de Administração Mackenzie**, 22(5), 1–29. doi:10.1590/1678-6971/eRAMG210010

FERNANDES, J. Eduardo. **Formação e qualificação para o trabalho solidário: o desenvolvimento da Economia Popular Solidária nas práticas do Cieps/UFU**. 2020. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2577>.

FORGIARINI, Deivid; ALVES, Cinara Neumann; CASSANEGO JUNIOR, Paulo. Percepções da Influência da Universidade Federal do Pampa na Formação de Capital Social na Região de Fronteira Santana do Livramento-Rivera. Colóquio: **Revista do Desenvolvimento Regional**, [s. l.], v. 16, p. 1-23, 30 dez. 2018. Trimestral.

FUKUYAMA, Francis. **Social Capital and Civil Society**. 1999. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/seminar/1999/reforms/fukuyama.htm>. Acesso em: 24 set. 2023.

GENARI, Denise; MACKKE, Janaina; FACCIN, Kadígia. Mensuração do capital social organizacional em redes de indústrias vitivinícolas brasileiras. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, São Leopoldo, v. 9, n. 96, p. 53-67, 28 mar. 2012. Trimestral. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/base/issue/view/254>. Acesso em: 23 set. 2023.

GROOTAERT, Christiaan; NARAYAN, Deepa; JONES, Veronica Nyhan; WOOLCOCK, Michael. **Questionários Integrados para medir Capital Social - QI-MCS. Banco Mundial – Grupo Temático sobre Capital Social**, Washington, D.C., 2003. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/163793740/Questionario-Integrado-para-Medir-Capital-Social>>. Acesso em 24 de jan. 2024.

HIGGINS, Silvio Salej. **O capital social está na moda: análise para sua reconstrução teórica**. 2003. 253 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2033. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86057/191933.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 set. 2023.

PARTS, Eve. **The dynamics and determinants of social capital in the European Union and Neighbouring countries. Discussions on Estonian Economic Policy: Theory and Practice of Economic Policy in the European Union**, n. 1, 2013.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

RATTNER, Henrique. Prioridade: construir o capital social. **Revista Espaço Acadêmico**. São Paulo, v. 2, n. 21, p. 1-5, 20 fev. 2019. Mensal.

REIS, J. **Ensaio de Economia Impura**. Coimbra, Edições Almedina, 2007.

RIBEIRO, Lilian Lopez; ARAUJO, Jair Andrade de. Capital social e pobreza no Brasil. **Revista Brasileira de Economia Política**, São Paulo, v. 38, n. 17, p. 749-765, 26 fev. 2020. Trimestral.s\_mediators\_of\_the\_team\_trust\_\_team\_effectiveness\_relationship\_An\_interdependence\_theory\_perspective. Acesso em: 14 out. 2023.

SANTOS, Angelo Correia dos; CARNIELLO, Monica Franchi. **Capital social e liderança na organização do trabalho**: um estudo da relação de confiança. In: XVIII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 22., 2014, Vale do Paraíba. Congresso. Vale do Paraíba: Universidade do Vale do Paraíba, 2014. p. 1-6.

SANTOS, Manoel Leonardo; ROCHA, Enivaldo Carvalho da. **Capital social e democracia**: a confiança realmente importa? *Revista de Sociologia Política*, Paraná, v. 19, p. 43-64, Maio 2011.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.